

DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO PARA A HISTÓRIA DA BAHIA: AS LUTAS DE MANUEL FAUSTINO DOS SANTOS LIRA NA REVOLTA DOS BÚZIOS (1798-1799)¹

Juliana Cristina Purificação da Conceição Pereira²

RESUMO

Este estudo tem por objetivo, analisar a participação do santamarense Manuel Faustino dos Santos Lira na Revolta dos Búzios. A cidade de Santo Amaro, majoritariamente negra, teve como um dos líderes da Revolta dos Búzios, Manuel Faustino, nascido no município. Neste contexto, a problematização deste estudo está na valorização local e nacional da memória do movimento dos mártires da Revolta dos Búzios, alçados à condição de heróis nacionais, apesar de certo desconhecimento da população santamarense. A metodologia utilizada foi a pesquisa de levantamento bibliográfico, por meio de fontes primárias e fontes secundárias, como a coleta de informações por meio de livros, teses, revistas, cartilhas, artigos científicos e entrevista com o historiador da cidade Raimundo Arthur onde possui um acervo que consta registros sobre a participação de Manuel Faustino. Os estudos concluíram que a participação do santamarense Manuel Faustino, de alguma forma, permanece viva, não apenas pela história de dor e pela opressão da violência, mas sobretudo pela força deste movimento que nos dias atuais se faz tão importante por rememorar os ideais por igualdade, liberdade e pelo fim do racismo e das desigualdades raciais que ainda perduram em nosso país.

Palavras-chave: Brasil - História - Conjuração dos Alfaiates, 1798; Lira, Manuel Faustino dos Santos, 1775-1799 - Biografia; Santo Amaro (BA) - História.

ABSTRACT

This research work aims to analyze the participation of Manuel Faustino dos Santos Lira in the Revolta dos Búzios. The city of Santo Amaro, mostly black, had one of the leaders of the Revolta dos Búzios, Manuel Faustino, who was born in the same municipality. In this context, the question of this study is in the local and national valorization of the memory of the martyrs of movement of the Revolta dos Búzios, raised to the condition of national heroes, despite a certain lack of knowledge of the santamarense population. The methodology used was the bibliographic survey, through primary sources and secondary sources, such as the collection of information and data through books, theses, publications, booklets, scientific articles and interviews with people who brought memories on the researched topic. The research concluded that Manuel Faustino, from Santo Amaro, somehow remains alive, not only because of the history of pain and the oppression of violence, but above all because of the strength of this movement, which nowadays is so important for remembering the ideals for equality, freedom and for the end of racism and racial inequalities that still persists in our country.

Keywords: Brazil - History - Conspiracy of Tailors, 1798; Lira, Manuel Faustino dos Santos, 1775-1799 - Biography; Santo Amaro (BA) - History.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Lúcio Matos Silva.

² Graduada em Serviço Social pela Universidade Salvador (2015). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Regional de Filosofia Ciências e Letras de Candeias (2007) e graduanda em Licenciatura em História pela UNILAB, Campus dos Malês.

1 INTRODUÇÃO

Santo Amaro da Purificação é um município do Recôncavo Baiano situado a 79km da cidade de Salvador. Possui 492 quilômetros quadrados de área e uma população, segundo o IBGE (2020), de 60.069 habitantes, resultando em uma densidade demográfica com aproximação de 125 habitantes por quilômetro quadrado³. Com maioria populacional negra, o município tem como filho ilustre um dos líderes da Revolta dos Búzios, Manuel Faustino, nascido no município e que em reconhecimento a sua liderança na referida revolta, teve o seu nome inscrito no Livro de Aço dos Heróis Nacionais⁴, um memorial cívico destinado a homenagear heróis e heroínas nacionais que, de algum modo, serviram para o engrandecimento da nação brasileira.

A Revolta dos Búzios, foi um movimento de caráter emancipacionista, ocorrido no final do século XVIII (1798-1799), na então Capitania da Bahia, na colônia brasileira. Diferentemente da Inconfidência Mineira (1789-1792), foi difundida pela historiografia tradicional enquanto um movimento de caráter popular que defendia a independência, a igualdade racial, um governo republicano e democrático com liberdades plenas, o livre comércio e a abertura dos portos, além de um salário maior para os soldados.

Xavier (2002), analisou que “as representações coletivas, são episódios ou eventos, que se caracterizam como acontecimentos sociais, resultando em uma consciência coletiva e não individual”. Neste sentido, o que justifica a escolha da discussão sobre este tema é o fato de que há no legado e na participação do santamarense Manuel Faustino dos Santos Lira, na Revolta dos Búzios, uma representação e uma simbologia política para o município de Santo Amaro e seus cidadãos e cidadãs.

Diante do exposto, o objetivo geral do presente estudo é investigar o legado do herói santamarense Manuel Faustino dos Santos Lira como herói nacional e local, considerando que em 04/03/2011, a presidência da República através da lei nº 12.391, de 4 de março de 2011, ano 190º da Independência e 123º da República, inscreveu no Livro dos Heróis da Pátria, os nomes dos heróis da “Revolta dos Búzios”, João de Deus do Nascimento, Lucas Dantas de Amorim Torres, Manuel Faustino Santos Lira e Luís Gonzaga das Virgens e Veiga (BRASIL, 2011). Entre os principais objetivos deste trabalho está também o de contribuir com o debate

³ Segundo dados do IBGE (2020). Esta medida possibilita mensurar a distribuição da população residente em um determinado local, permitindo verificar a população das áreas mais e menos povoadas.

⁴ Sobre os Heróis do Panteão da Pátria, o santamarense Manuel Faustino, juntamente com Lucas Dantas, João de Deus e Luís Gonzaga, foram enforcados na Praça da Piedade, em Salvador, em 8 de novembro de 1799. Sua atuação na conquista de adeptos ao movimento foi decisiva para a decretação de sua prisão. No tribunal, manteve o desejo de ver um Brasil livre e republicano.

sobre o contexto histórico da vida do herói santamarense, observar a sua atuação na Revolta dos Búzios e destacar a sua representatividade.

Inicialmente para elaboração do estudo a pesquisa bibliográfica foi o método escolhido. Foram utilizados livros, artigos, revistas e cartilhas sobre o tema com a finalidade de conhecer melhor sobre a biografia de Manuel Faustino. Neste sentido, o presente estudo pretende também ampliar as discussões sobre o tema, apresentando-o em sua relevância para a história local do Recôncavo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA REVOLTA DOS BÚZIOS

No que se refere às Revoluções ou conspirações, o escritor baiano Florisvaldo Mattos, membro da Academia de Letras da Bahia, ao situar o movimento Revolta dos Búzios, inferiu que a partir de 1793 muito da literatura revolucionária da França havia chegado à Bahia, vinda de Portugal, apesar das rigorosas proibições vigentes, através de livros, manuscritos de discursos pronunciados por oradores e notícias diversas. Nesse manancial de ideias novas saciaram-se os primeiros conjurados, algumas pessoas de certa posição social, que as fizeram depois chegar em conversas, a soldados e artesãos, o que iria dar base popular ao movimento (MATTOS, 2018).

Avaliando o universo de intercomunicação entre os adeptos das novas ideias republicanas e democráticas compreende-se um circuito formado pelo trinômio informação-esclarecimento-aliciamento. Mattos (2018) salientou que o movimento evoluiria até 1798, cumprindo duas fases: a da divulgação das ideias e a da preparação para o levante. Apenas configurada por atos de comunicação - que iam das conversas entre conjurados aos boletins manuscritos que se espalharam pela Cidade do Salvador em 12 de agosto de 1798 - a conspiração acabaria por ser descoberta. Instaurada a repressão, proliferaram as prisões, sobrevivendo o processo ordenado pelo Capitão-Geral da Bahia, Dom Fernando José de Portugal, que envolveria mais de 50 pessoas.

Mattos (2018) descreveu nas suas pesquisas que todo o processo concluiu-se em 1799 pela condenação de cinco acusados: Lucas Dantas Amorim Torres, Manuel Faustino dos Santos Lira, João de Deus do Nascimento, Luís Gonzaga das Virgens e Veiga e Luís Pires. Eram escravos, artesãos e soldados, como convinha aos interesses do poder colonial. Condenados à morte na forca, quatro cumpriram a sentença, já que o quinto, Luís Pires, conseguiu escapar e

nem mesmo chegara a ser preso. Degredo na África, flagelo do açoite e prisão foram os castigos reservados para os restantes implicados na conjuração.

O historiador Luís Henrique Dias Tavares (1959) analisou que a partir de 1798 originou-se uma literatura disponível sobre o assunto, firmando-se a sua sistematização em elementos teóricos dispostos numa perspectiva interdisciplinar envolvendo teoria da comunicação, antropologia, história e metodologia da pesquisa em ciências sociais. Consta-se ainda que o historiador Tavares, operoso pesquisador, foi o único a abordar o material histórico levando em conta aspectos de comunicação evidentes na trama dos fatos, principalmente no que diz respeito à caracterização dos comunicadores do movimento.

Outros historiadores, especialmente Affonso Ruy e Braz do Amaral, atentaram para alguns desses aspectos, com ausência de formalização de juízos em torno das questões básicas que este estudo se propõe esclarecer. Tavares, ao contrário, ainda que as suas preocupações fossem essencialmente de natureza histórica, determinou pontos fundamentais dos acontecimentos sucedidos na Bahia em 1798, suscitou problemas que mereciam um aprofundamento no campo próprio da ciência da comunicação. Por seu turno, o livro de Affonso Ruy,⁵ foi importante para configuração do quadro ético e social da época e, também, por dar uma filiação popular à natureza do movimento.

3 O REFERENCIAL TEÓRICO

No seu livro⁶, Amaral (1926), retratou que Manuel Faustino dos Santos Lira, nasceu em 1775 na Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro, como filho de uma escrava de um padre, posteriormente liberta, e continuou como sua mãe, privado da liberdade, falecendo em 1799 no Município de Salvador. Foi um alfaiate baiano, um dos líderes da Conjuração Baiana, revolta acontecida em Salvador que também ficou conhecida como Revolta dos Alfaiates. Seu pai foi oficialmente desconhecido. Durante toda a vida, o jovem negro manteve relações estreitas com a família dos Pires de Carvalho e Albuquerque, antiga proprietária de sua mãe.

⁵ A edição diplomática do depoimento de Manuel Faustino dos Santos Lira, no final do séc. XVIII. Cf. ANAIS, v. 35, p. 222-223. Por isso mesmo, diverge, em algumas situações, das versões publicadas em Luís Henrique Dias Tavares, *O Movimento Revolucionário Baiano de 1798*, p.47-48, e em Affonso Ruy, *A Primeira Revolução Social Brasileira*, p. 147-148. (Fixação crítica do texto pelo professor David Salles). A forma poética das décimas consiste em um conjunto de versos, com um mote, do qual cada verso será o fecho das estrofes compostas de dez sílabas, no caso em redondilha maior, isto é, versos de sete sílabas.

⁶ AMARAL, Braz. *A conspiração republicana da Bahia de 1798*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1926.

Em meados da década de 1790, Manuel Faustino passou a frequentar reuniões secretas, nas quais se discutiam os ideais da Revolução Francesa e sua possível aplicação na sociedade brasileira. Em 1798, foi um dos primeiros a ser considerado suspeito da autoria de panfletos anônimos que conclamaram a população de Salvador a declarar e defender a "República Baiense" (AMARAL, 1926).

No que se refere às diligências na busca dos envolvidos no movimento, Mota (1979) ressaltou que foram procurados pelas autoridades responsáveis pela devassa, sendo Manuel Faustino encontrado e detido na propriedade dos Pires de Carvalho e Albuquerque. Julgado e condenado à morte, foi enforcado na Praça da Piedade, juntamente com os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens e o também alfaiate João de Deus Nascimento. Manuel Faustino foi um dos brasileiros que mais lutou pelo fim da escravidão, mas não goza da mesma fama no imaginário popular que seu compatriota mineiro Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792).

Nas descrições dos envolvidos citados por Amaral (1926), os réus descritos foram: Luiz Gonzaga das Virgens, pardo, livre soldado, solteiro, 36 anos; Lucas Dantas de Amorim Torres, pardo, liberto, solteiro, 24 anos; João de Deus Nascimento, pardo, livre, casado, alfaiate, 27 anos; Manuel Faustino dos Santos Lira, pardo, forro, alfaiate, 22 anos. Tavares (1959) e Valim (2007) analisaram que os detidos foram levados para a Praça da Piedade, por ser também uma das praças mais conhecidas.

4 MANUEL FAUSTINO DOS SANTOS LIRA: ASPECTOS BIOGRÁFICOS

Manuel Faustino surge como um dos pilares importantes na condução da liderança da Revolta dos Alfaiates, tornando-se mártir da revolta por ter sido um jovem alfaiate que já possuía um espírito de liderança e uma gana por uma sociedade mais justa e emancipatória. Nesse período ocorreram grandes acontecimentos revolucionários nas Américas, como a Rebelião Haitiana, ocorrida na colônia francesa de São Domingos e na Europa, a Revolução Francesa, que serviu como espelho para incentivar a Revolta dos Alfaiates. Já no Brasil, surgia então a Inconfidência Mineira, que tinha também como motivo a proximidade da revolta do Alfaiates sobre a emancipação política. Entretanto, a Inconfidência Mineira foi caracterizada por um movimento de elite, sendo organizada por profissionais liberais, militares e membros da elite econômica, enquanto a Revolta dos Alfaiates foi majoritariamente constituída pelas classes populares.

Segundo Valim (2007), a partir de meados do século XVII com o sistema colonial montado em sua estrutura mercantilista e escravocrata, o Brasil teve que enfrentar uma série de rebeliões em boa parte de seu território. Essas rebeliões foram denominadas por vários pesquisadores de Rebeliões Nativistas, pois foram organizadas, em sua maioria, por nativos brasileiros. Tavares (1959) comparou que, a Inconfidência Mineira, foi um dos exemplos que influenciou a Conjuração Baiana, baseadas nas ideias da Revolução Francesa.

Em 1763 Salvador deixou de ser a capital do vice-reino português no Brasil, que foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. A partir de Julho de 1789, teve início a Revolução Francesa que pôs fim a mais velha e aristocrática monarquia absolutista da Europa e se tornou um marco da história mundial por disseminar ideais de liberdade e igualdade e ideias de nação e nacionalismo, que serviram de inspiração para outras revoluções e conspirações pelo mundo. Entre os brasileiros que acompanharam os acontecimentos de perto está o então estudante Cipriano Barata, que poucos anos depois estaria participando da Revolta dos Búzios.

Outro movimento que Tavares (1959) e Sousa (2021) apontaram como inspiradores da mobilização na Bahia, ocorreu em 1791, o início a Revolução Haitiana, que gerou a primeira nação independente governada por negros nas Américas e onde o trabalho escravo foi abolido constitucionalmente. A “onda negra” que gerou a Independência do Haiti, ex-colônia francesa, também contou com a inspiração dos ideais iluministas de liberdade e igualdade e disseminou o pavor entre as elites coloniais brancas americanas, que passaram a temer revoltas protagonizadas pelos descendentes de africanos.

Em abril de 1792, quando a Inconfidência Mineira chegou ao seu final com a morte de Tiradentes no Rio de Janeiro, Amaral (1926) menciona que depois de ter seus planos delatados, a conspiração, que teve um caráter mais anticolonial, ou seja, contra os impostos e restrições coloniais, inspirado na “Revolução Americana” nos EUA, do que contra a monarquia portuguesa, foi abortada antes que o conflito armado chegasse a ocorrer. Datam desse mesmo ano as primeiras informações a respeito de reuniões de moradores letrados de Salvador que formavam um círculo para a discussão, especialmente das ideias revolucionárias francesas.

Valim (2007) analisou sobre o movimento da Bahia, e ressaltou que em 1796, um capitão da marinha da França, Antoine René Larcher, percorreu o litoral brasileiro passando por Salvador. Provavelmente era membro da maçonaria, sociedade secreta que alguns historiadores veem vinculada à Revolta dos Búzios. Reforçou ainda que em 12 de agosto de 1798, apareceram 11 panfletos que logo seriam considerados sediciosos, convocando o “Povo Bahiense” a lutar pela liberdade, igualdade e fraternidade. Nas primeiras horas da manhã tornou-se pública a existência de uma conspiração contra o poder colonial português, em busca

da instauração de uma República no país. Nesse mesmo dia foi instaurada uma investigação para apreender os panfletos, investigar e prender suspeitos.

Surge questionamentos à cerca das narrativas como tal revolta deve ser chamada. À Revolta dos Alfaiates emerge duas nomenclaturas: Conjuração Baiana e recentemente Revolta dos Búzios. No que se refere à Conjuração Baiana seria o fator determinante através do significado da palavra de acordo com o dicionário: “associação de indivíduos, às vezes por juramento, para um fim comum união harmônica; conjunção, entendimento, aliança”⁷. Com relação à nomenclatura, Revolta dos Alfaiates se configura por ter uma maior relevância na participação dos principais líderes da revolta onde eram alfaiates.

A partir 22 de agosto de 1798 ocorreram dois novos boletins ao mesmo estilo dos dez apreendidos anteriormente que foram encontrados nas portas do Convento do Carmo. Tavares (1959) citou que seria o décimo primeiro, e que foi queimado pelo coronel Francisco José de Mattos Ferreira e Lucena após ler seu conteúdo. Um novo suspeito foi preso, dessa vez o soldado Luís Gonzaga das Virgens.

No percurso histórico do movimento, em 25 de agosto de 1798, ocorreu uma reunião no Campo do Dique do Desterro, que foi delatada por três participantes e considerada, assim como os boletins, “grave desafio à ordem colonial, ao regime monárquico absolutista e ao príncipe regente Dom João”. Essa reunião desencadeou uma série de prisões. No dia seguinte, iniciaram-se as prisões que continuaram até o início do ano de 1799. Foram presas 41 pessoas, dessas, 33 chegaram até o julgamento final. No mês seguinte foi preso o médico Cipriano José Barata de Almeida, cirurgião, filósofo e político brasileiro. Destacou-se como um dos mais ativos apoiadores da Conjuração Baiana e a favor da Independência do Brasil (AMARAL 1926).

Em relação à prisão do médico Cipriano Barata em 22 de dezembro de 1798, uma Carta Régia do príncipe Dom João foi enviada “exigindo sua imediata conclusão e a mais severa punição para os culpados da conspiração”. Em 5 de novembro de 1799, o Tribunal da Relação, ignorando os embargos do advogado de defesa dos réus que alegava não haver “provas materiais” para sustentar uma condenação, emitiu a sentença condenando a variadas penas todos os acusados.

Tavares (1959) explicou nas suas pesquisas sobre o movimento, que em 8 de novembro de 1799 a decisão do que foi proposto ao médico Cipriano Barata difere da dos senhores Manuel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens, João de Deus e Lucas Dantas, que receberam a pena máxima e foram enforcados na Praça da Piedade, onde tiveram seus corpos esquartejados e

⁷ Segundo o dicionário Aurélio. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dicionario+aurelio>.

expostos em locais públicos da cidade. Seus nomes também se tornaram “malditos” até a terceira geração. Um ourives chamado Luís Pires, também foi condenado à pena máxima, mas conseguiu fugir e jamais foi localizado.

Analisando a cronologia do processo da Revolta dos Búzios, o marco da mobilização dos mártires foi a denominada “onda negra” que gerou a Independência do Haiti, ex-colônia francesa, e que também contou com a inspiração dos ideais iluministas de liberdade e igualdade e disseminou o pavor entre as elites coloniais brancas americanas que passaram a temer revoltas protagonizadas pelos descendentes de africanos, estendendo-se até a Bahia.

Sousa (2021) destacou que, a conjuração Baiana e a Inconfidência Mineira não se separaram apenas por um hiato temporal. Destacou que a falta de comunicação entre os centros de colonização e a ausência de um sentimento nacional anulou qualquer possibilidade de se considerar que tais revoltosos se sentiam integrantes de uma nação que merecia a sua independência. Na maioria dos casos, a autonomia era projetada em esfera local (SOUSA, 2021).

Sobre a Inconfidência Mineira, Tavares (1959) analisou que a limitação do movimento se encontrava sob a esfera das discussões de uma elite enriquecida e acabou fazendo com que a escravidão não entrasse em sua pauta, já que o fim desta prejudicaria boa parte dos inconfidentes. No caso baiano, a divulgação de panfletos acabou disseminando a causa emancipacionista entre setores populares e favoráveis à abolição.

Amaral (1926) ressaltou que de 1788 a 1801, a capital Salvador, conhecida como Capitania da Bahia, governada por D. Fernando José de Portugal e Castro (1788-1801), fervilhava com queixas contra o governo, cuja política elevava os preços das mercadorias mais essenciais, causando a falta de alimentos, chegando o povo a saquear o comércio e os açougues, antes da ausência de carne.

Com as queixas e insatisfações da população, o clima de insubordinação contaminou os quartéis e as ideias nativistas que já haviam animado Minas Gerais foram amplamente divulgadas e circularam na Capitania da Bahia, encontrando eco sobretudo nas classes mais humildes. A todos influenciava o exemplo da independência das Treze Colônias Inglesas, e ideias iluministas, republicanas e emancipacionistas que eram difundidas também por uma parte da elite culta, reunida em associações, como a Loja Maçônica Cavaleiros da Luz (AMARAL, 1926).

Por volta de 1789 surgiu a Conjuração Baiana, também denominada como Revolta dos Búzios ou Revolta dos Alfaiates (uma vez que seus líderes exerciam este ofício), conhecido como um movimento de caráter emancipacionista, ocorrido no ocaso do século XVIII, que

diferia da Inconfidência Mineira (1789), por se revestir de caráter popular. Cipriano Barata, conhecido como médico dos pobres e revolucionário de todas as revoluções, foi o seu principal líder. O movimento teve profunda influência da sociedade maçônica (Cavaleiros da Luz) e do processo de independência do Haiti ou haitianismo.

Inspirados na independência dos Estados Unidos, nos ideais iluministas e no movimento acontecido em Minas Gerais, Valim (2009) destaca que os revoltosos, entre eles Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus Nascimento e Manuel Faustino dos Santos Lira, negros, pregavam a libertação dos escravos, um governo igualitário, a instalação da República da Bahia, a liberdade de comércio com outros países e o aumento de salário.

Orquestrada por negros escravizados, libertos, trabalhadores pobres e alguns membros das elites brancas liberais, a Revolta dos Búzios teve seu “estopim” no dia 12 de agosto de 1798. Salvador amanheceu com 12 boletins afixados em locais públicos e de grande circulação de pessoas, convocando o Povo à revolução e deles destacava o seguinte: “Animai-vos povo Bahiense que está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade: o tempo em que todos seremos irmãos: o tempo que todos seremos iguais: sabeis que já seguem o partido da liberdade” (AMARAL, 1926).

As armas não chegaram a ser disparadas, os canhões não fizeram tremer os muros da cidade da Bahia, segundo Mattos (1974), mas os planos, esses sim, fizeram tremer as autoridades coloniais que não tardaram a perseguir e reprimir a conspiração. Os ideais dos revoltosos incomodaram as elites coloniais e os governantes e a “onda negra” que tinha acontecido no Haiti anos antes (1791), causavam um imenso “medo branco” na classe senhorial baiana. A trama conspirativa desfiada nos “papéis sediciosos” revelava que não eram poucos os que se tornaram partidários da Liberdade. O boletim chamado de Aviso nº 9, declarava que eram 676 membros.

5 A REVOLTA, OS ENVOLVIDOS E A CONDENAÇÃO

Valim (2007) analisou que nos primeiros momentos a conjuração era composta por pequenos grupos de insatisfeitos e simpatizantes do iluminismo francês, porém com a publicação de pasquins aumentou a popularização do movimento. O governador Dom Fernando José de Portugal interveio ao tomar conhecimento da situação, pressionado pelo Conselho Ultramarino e o ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho (Conde de Linhares), que exigiu

maior firmeza. Para a historiadora, o governador, apesar de querer minimizar a participação da elite local no movimento (que à esta altura havia debandado), instaurou uma devassa para descobrir os autores dos pasquins e seus líderes. Isso levou a prisão de Luís Gonzaga das Virgens. A insatisfação do Conde de Linhares com a condução do caso levou à pressão para que o governador sentenciasse quatro réus à morte e seis ao degredo.

Sobre as investigações do movimento, Jancsó (1996) ressaltou que começaram ainda no dia 12 de agosto, quando se prendeu um suspeito de produzir os boletins. Dessa vez as investigações levaram ao soldado Luís Gonzaga das Virgens, velho conhecido das autoridades militares por já haver desertado três vezes, revoltado com a discriminação de cor no exército e na sociedade baiana.

Sobre o processo de prisão e inquérito de condenação com os envolvidos, Valim (2009) salientou que no dia 25 do agitado mês de agosto, após a prisão do soldado Luís Gonzaga, uma reunião realizada no Campo do Dique do Desterro se tornou uma grande armadilha. Tavares (1959) explicou que a reunião contou com a presença de personagens conhecidos, como o aprendiz de alfaiate Manuel Faustino dos Santos Lira, que levou mais cinco pessoas, dentre eles quatro escravizados de figurões da política baiana. João de Deus do Nascimento mestre alfaiate e dono de alfaiataria, também se fez presente na reunião e levou mais seis pessoas entre elas soldados, alfaiates, um ferreiro, um cabeleireiro e dois escravizados sendo que um deles era africano. O soldado Lucas Dantas de Amorim Torres, que deu a notícia da prisão de Luís Gonzaga, também participou da fatídica reunião levando com ele mais um soldado (TAVARES, 1959; VALIM, 2009).

Na saga de caça aos revolucionários, Jancsó (1996) analisou que três participantes denunciaram a reunião. Na manhã do dia 26 de agosto de 1798, e até o começo de 1799, ocorreram 41 prisões, das quais 33 chegaram até o final do processo instaurado pelo governo colonial. Na época o príncipe Dom João, em novembro de 1798 enviou uma Carta Régia exigindo celeridade e a mais severa punição aos envolvidos. Mesmo com inúmeros embargos colocados por parte do advogado de defesa dos réus, que contestou a existência de “provas materiais” que sustentassem a condenação, em 5 de novembro de 1799 o Tribunal da Relação decidiu por unanimidade condenar a todos os envolvidos (JANCSÓ, 1996).

Ao examinar o processo de condenação e observar o contexto analisando a questão econômica em relação aos pobres, Tavares (1959) ressaltou que Inácio da Silva Pimentel, Romão Pinheiro, José Félix, Inácio Pires, Manuel José e Luiz de França Pires, foram acusados de envolvimento “grave”, recebendo pena de prisão perpétua ou degredo na África. João de Deus, um dos condenados, durante o processo, tentou-se passar por demente, mas uma junta

médica acabou derrubando o argumento. Junto com ele foi condenado Manuel Faustino, Lucas Dantas e Luiz Gonzaga das Virgens. Isso apesar dos advogados de defesas argumentarem que os textos estavam acima de suas capacidades intelectuais, para tirar deles a qualificação de mentores da revolta. Também foi condenado à morte Romão Pinheiro e seus parentes considerados infames, mas apelou e sua pena foi atenuada para degredo. Os escravos Cosme Damião e Luís da França Pires também foram sentenciados. Damião foi enviado para a África e Pires, que conseguiu fugir, foi condenado à morte, à revelia.

Em relação as sanções aplicadas, Mattos (1974) destacou, que algumas penas foram extremamente pesadas. Manuel Faustino, Luiz Gonzaga das Virgens, João de Deus e Lucas Dantas, foram condenados à morte, enforcados e esquartejados no dia 8 de novembro daquele mesmo ano na Praça da Piedade e seus nomes se tornaram “malditos” até a terceira geração. Um ourives chamado Luís Pires, também foi condenado à pena máxima, mas conseguiu fugir e jamais foi localizado. Outros 28 homens, tiveram as mais variadas penas, desde serem levados para a costa ocidental da África fora dos domínios portugueses, ao degredo em Fernando de Noronha e prisões que variaram de dez a cinco anos em Angola e seis meses em território brasileiro. No caso de escravos receberam 500 chibatadas no pelourinho e foram vendidos para fora da Bahia, sem direito de nunca mais voltar.

Na página do site do Instituto Búzios, que apresenta informações sobre a Revolta dos Búzios, destaca-se como um fato interessante a participação das mulheres no movimento. Entre as principais lideranças da Revolta dos Búzios estavam mulheres que participaram ativamente deste fato histórico. Assim como outros revolucionários, tiveram penas de prisão. Sobre as mulheres: Luiza Francisca D’Araújo, parda, livre, casada com João de Deus, presa em 26 de agosto de 1798 e solta em 05 de setembro do mesmo ano; Lucrécia Maria Quent, negra, forra, natural de Salvador, presa em 15 de setembro de 1798 e solta em 26 de setembro do mesmo ano; Ana Romana Lopes, parda, forra, natural Salvador, presa em 15 de setembro de 1798 e solta em 20 de setembro do mesmo ano; Domingas Maria do Nascimento: parda, forra. - Vicência: crioula, forra (INSTITUTO BÚZIOS, 2021).

Ao discorrer sobre o contexto da Revolta dos Búzios, não é expressar sobre dor, opressão, violência do sangue derramado e o sofrimento dos antepassados. É lembrar que a luta por igualdade, liberdade e pelo fim das desigualdades raciais que ainda perduram no estado da Bahia e no Brasil, foi e ainda o é como um movimento de lutas constantes, coletivas e de cada cidadão. Neste sentido, Tavares (1959, p. 24) destacou que: “a liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento: a liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com

igual paralelo de uns para outros, finalmente a liberdade é o repouso, e bem-aventurança do mundo”.

À luz da História, analisando o contexto da Revolta dos Búzios, a partir das conjunturas do final do século XX, com o crescimento do protagonismo dos movimentos sociais, principalmente das entidades negras e do Movimento Negro, iniciaram-se campanhas denunciando a ausência de valorização dos heróis locais, e principalmente dos heróis negros, com lutas no sentido de incluir e valorizar a história e a cultura do povo negro em seus espaços. Somente 222 anos depois da Revolta dos Búzios, em 4 de março de 2011, a Presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.391/11, determinando a inscrição dos nomes dos líderes da Revolta dos Búzios no Livro de Aço dos Heróis Nacionais. Enforcados em praça pública, João de Deus do Nascimento, Lucas Dantas de Amorim Torres, Manuel Faustino Santos Lira e Luís Gonzaga das Virgens e Veiga, tornaram-se símbolos do movimento que revisitou os ideais de liberdade e igualdade no país.

6 OS DIÁLOGOS QUE EMERGEM DA PESQUISA

A pesquisa analisou que em 2016, a Associação Beneficente Ilê Ojú Onirê lançou no município de Santo Amaro uma cartilha intitulada “A Revolta dos Búzios e o legado do Santamarense Manuel Faustino”, resultado de um projeto selecionado pelo edital Agosto da Igualdade, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi) do Governo do Estado da Bahia. A partir deste lançamento, algumas escolas começaram a discutir sobre a necessidade de os alunos conhecerem sobre a participação e contribuição do herói santamarense Manuel Faustino, na Revolta dos Búzios.

O estudo destaca a representação social da Revolta dos Búzios, tomando como referência as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008, pois ambas têm como premissa o combate ao racismo no país, ao acentuar a participação de negros e índios na construção da identidade nacional. Araújo (2018) destacou que as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008, têm tido dificuldades em ser implementadas nas escolas por vários motivos, com destaque para a ausência de material didático adequado, ressaltando que os livros já adotados privilegiam uma visão eurocêntrica.

Neste contexto, observa-se que o ensino sobre a Revolta dos Búzios, movimento baiano histórico de 1789, encontra-se respaldado nas legislações 10.639/2003 e 11.645/2008.

No entanto reforça-se que as representações sociais da Revolta dos Búzios, carecem de materiais didáticos e novas pesquisas para que sejam trabalhados nos diversos contextos escolares.

Merece destaque o trabalho de pesquisa do historiador santamarense Pedro Tomás Pedreira⁸, que deu um passo no processo de reconhecimento de um desses personagens, em sua obra “Santo Amaro na Revolução de 1798: Manuel Faustino dos Santos Lira”, publicada em 1971, pelo Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, homenageando o aprendiz de alfaiate, chamado pelo autor como “o mais jovem revolucionário brasileiro”, orientando os leitores com a seguinte frase:

Sirvam, essas pequenas linhas, para dar o conhecer à Bahia e ao Brasil, o denodo de um de seus mais jovens revolucionários - Manoel Faustino, o santamarense do “Engenho Calogi” - verdadeiro “Tiradentes” baiano, mártir dos nossos sentimentos de amor à terra e à liberdade (PEDREIRA, 1971, p. 6).

Pedreira destaca Manuel Faustino dos Santos Lira como “o herói santamarense”, mostrando sua atuação no movimento de 1798. Podemos perceber que trabalhos como este, exaltando e heroicizando os personagens populares baianos mortos em 1799, nos ajudam a observar o caminho aberto na historiografia para tal propósito com todos eles. Pedreira não escreveu especificamente sobre João de Deus do Nascimento. Fica o exemplo de como alguns estudiosos contribuíram ou até inspiraram outros nesse caminho de reconhecimento dos personagens da Bahia colonial nessa linha de classificação das ações destes, enquanto atos heroicos.

Um ponto interessante, Pedreira mencionou que os obscuros heróis da Conjuração Baiana - seus nomes não constam nem sequer das enciclopédias mais populares, bem como o próprio verbete da chamada Revolta dos Alfaiates - não recuaram, entretanto, diante de qualquer obstáculo. Nem pareciam lembrados do sacrifício de Joaquim José da Silva Xavier no quadro de outra Conjuração, a Mineira, e defenderam, às vezes de peito aberto, seus ideais que se cumpriam em parte, quase cem anos depois, quando da implantação do regime republicano. No resto, não tiveram a mesma afirmação no quadro da história do País. Somente depois de muitos anos reconhecidos.

A Revolta dos Búzios, já foi tema de livro, filme, revista em quadrinhos, e até música de Carnaval na Bahia. É também fonte de inspiração para os milhares de baianos e baianas que

⁸ PEDREIRA, Pedro Tomás. Documentos do Recôncavo: Santo Amaro na Revolução de 1798 (Manuel Faustino dos Santos Lira). Santo Amaro: Imprensa Oficial, 1971.

têm na Revolta dos Búzios uma referência da luta e da força do negro no estado. O movimento Revolta dos Búzios em prol da independência e fim da escravidão é considerado como a primeira revolução social do país e continua inspirando outros movimentos nacionais.

Os avisos sediciosos da Revolta dos Búzios, fixados nas ruas da cidade, os processos que resultaram nos assassinatos de seus líderes, dentre outros documentos que registram o levante emancipatório ocorrido no final do século XVIII na Bahia, integram o acervo documental custodiado pelo Arquivo Público do Estado – unidade vinculada à Fundação Pedro Calmon, da Secretaria de Cultura da Bahia (Secult). Este acervo ganhou em 2018, mais um reconhecimento, desta vez por parte da Assembleia Legislativa da Bahia (Alba), que instada por movimentos sociais negros assinou notificação para seu tombamento enquanto Patrimônio Cultural da Bahia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolta dos Búzios não representa apenas um desafio a quem se proponha abordá-la, pesquisá-la, mas também um convite à reflexão. Os historiadores e pesquisadores reviraram arquivos, debruçaram-se sobre documentos envelhecidos e com obstinada fé, retiraram os fatos do esquecimento propositado a que ficaram relegados. Com isso, a Revolução dos Alfaiates tornou-se um fato histórico pela sua significação real, inserida entre os movimentos de tendência libertária que precederam a Independência política do Brasil. Mas, cumprindo seu papel, diversos historiadores não pretenderam dar a palavra final sobre os múltiplos aspectos do movimento revolucionário de 1798. Nem poderiam jamais fazê-lo, atentando-se para a grandiosidade daquele acontecimento que permite uma abordagem científica por ângulos estimulantes e novos.

O estudo permitiu constatar que na época da Revolta dos Búzios, mesmo sendo em um sistema escravista e opressor que exterminou as lideranças populares do movimento, não impediu a propagação da ideia de que, mesmo naquela época, era viável a formação de unidade na luta, de organização de um processo de resistência envolvendo variados segmentos da sociedade, insatisfeitos com a produção da riqueza colonial que explorava a classe trabalhadora e não garantia perspectivas de uma sociedade justa para todos os indivíduos.

A Revolta dos Búzios, foi um movimento popular considerado um dos mais amplos e importantes, do ponto de vista político, econômico e social da nossa história. Cabe ressaltar a importância da Revolta como mobilização social e política, pelo fim da escravidão, pela

efetivação de uma República, defesa da igualdade racial e melhores condições de vida da população. O movimento Búzios na sua essência, sinalizou outros levantes populares com toda a sua diversidade, em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira. A revolta de mais de dois séculos ainda traz inspiração na dinâmica do movimento estudantil, dos movimentos negros e indígenas, dos professores/as, trabalhadores/as, desempregados/as, pessoas com deficiência, mulheres, LGBTQI+’s e toda a diversidade social. A população de Santo Amaro sente orgulho da participação do santamarense Manuel Faustino. O movimento influenciou outros movimentos emancipacionistas e continua influenciando nas batalhas e desafios que se colocaram em períodos posteriores, contagiando as fileiras de diversas militâncias.

Vale ressaltar que durante a revolta dos búzios algumas mulheres se destacaram no movimento. Nesse contexto é necessário um estudo detalhado sobre participação dessas mulheres, que segundo alguns relatos, essas mulheres tiveram uma participação ativa na organização do movimento.

Dessa forma, este artigo não esgota os questionamentos iniciais sobre legado de Manuel Faustino, sendo necessário uma ampliação da pesquisa considerando que as fontes primárias e secundárias não contemplam as inúmeras dúvidas sobre a participação das mulheres, os bilhetes que foram espalhados em praça pública, sobre o processo de letramento de Manuel Faustino. A problemática sobre o questionamento no que se refere à paternidade de Faustino, visto que alguns autores dizem que ele era filho de uma escrava com pai desconhecido e outros citam o nome de seu pai.

Enfim, não devemos perder a essência da emblemática mensagem espalhada pelas ruas de Salvador em 12 de agosto de 1798 pelos líderes da Revolta dos Búzios, nossos irmãos negros revolucionários que pregavam: “Animai-vos, povo bahiense, que está para chegar o tempo feliz da liberdade. O tempo em que todos seremos irmãos. O tempo em que todos seremos iguais”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Braz. **A conspiração republicana da Bahia de 1798**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

ARAÚJO, Juvenal. **Os 15 anos da Lei 10.639**. Portal Geledés, 12 jan. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-15-anos-da-lei-10-639/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 12.391, de 4 de Março de 2011**. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112391.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

FREITAS, Lauro Cesar de Oliveira. **Coleção Santamarenses Notáveis**. Colaboração: SOUZA, Raimundo Artur Martins. Publicação do Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro da Purificação, 2010.

INSTITUTO BÚZIOS. **A Conjuração Baiana de 1798**. Revolta dos Búzios: liberdade, fraternidade, igualdade, 2021. Disponível em: www.institutobuzios.org.br/revolta%20tiveram%20penas%20de,%3B%0crioula%2C%20forra. Acesso em: 05 abr. 2021.

JANCSÓ, István. **A Bahia contra o Império**. História do ensaio de sedição de 1798. São Paulo: Hucitec, Bahia: Edufba, 1996.

MATTOS, Florisvaldo. **A comunicação social na revolução dos alfaiates**. Salvador: UFBA, Núcleo de Publicações, 1974, p.33-104 (Estudos baianos, 9).

MATTOS, Florisvaldo. **Revolta dos Búzios, 220 anos**. Artigo publicado no Site Bahia Notícias, 2018. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/cultura/literatura/233-revolta-dos-buzios-220-anos.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MOTA, Carlos G. **Idéia de Revolução no Brasil: 1789-1801 - estudo das formas de pensamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Documentos do Recôncavo: Santo Amaro na Revolução de 1798 (Manuel Faustino dos Santos Lira)**, Imprensa Oficial, Santo Amaro-Ba: 1971.

PESTANA, Maurício. **Revolta dos búzios: uma história de igualdade no Brasil**. Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum, Escola Olodum, 2006.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **"Inconfidência Mineira x Conjuração Baiana"**; Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/inconfidencia-mineira-x-conjuracao-baiana.htm>. Acesso em: 16 abr. 2021.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Introdução ao estudo das ideais do movimento de 1798**. Salvador: Progresso, 1959.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Bahia, 1798**. Empresa Gráfica da Bahia. 2000.

VALIM, Patrícia. Combates pela História da Conjuração Baiana de 1798: ideias de crise e revolução no século XX. **Revista de História Social da Unicamp**, Campinas, n. 17, 2009, p. 23-49.

VALIM, Patrícia. **Da Sedição dos Mulatos à Conjuração Baiana de 1798: a construção de uma memória histórica**. Dissertação de Mestrado, DH/FFLCH/USP, 2007.

XAVIER, Rosane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?. **Revista Online Psicologia e Sociedade**, v.14, n. 2, Belo Horizonte, jul-dez., 2002.

ANEXOS

Anexo 1

Fotografia registrada na visita ao Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro da Purificação – BA, Praça do Rosário, s/n, Santo Amaro da Purificação. Contato e conversa com o Sr. Raimundo Artur Martins de Souza, professor historiador, autodidata, pesquisador da história de Santo Amaro. Rico acervo sobre Manuel Faustino dos Santos Lira.



Fonte: Arquivo pessoal

Anexo 2

Fotografias da Rua Manoel Faustino no município de Santo Amaro da Purificação.

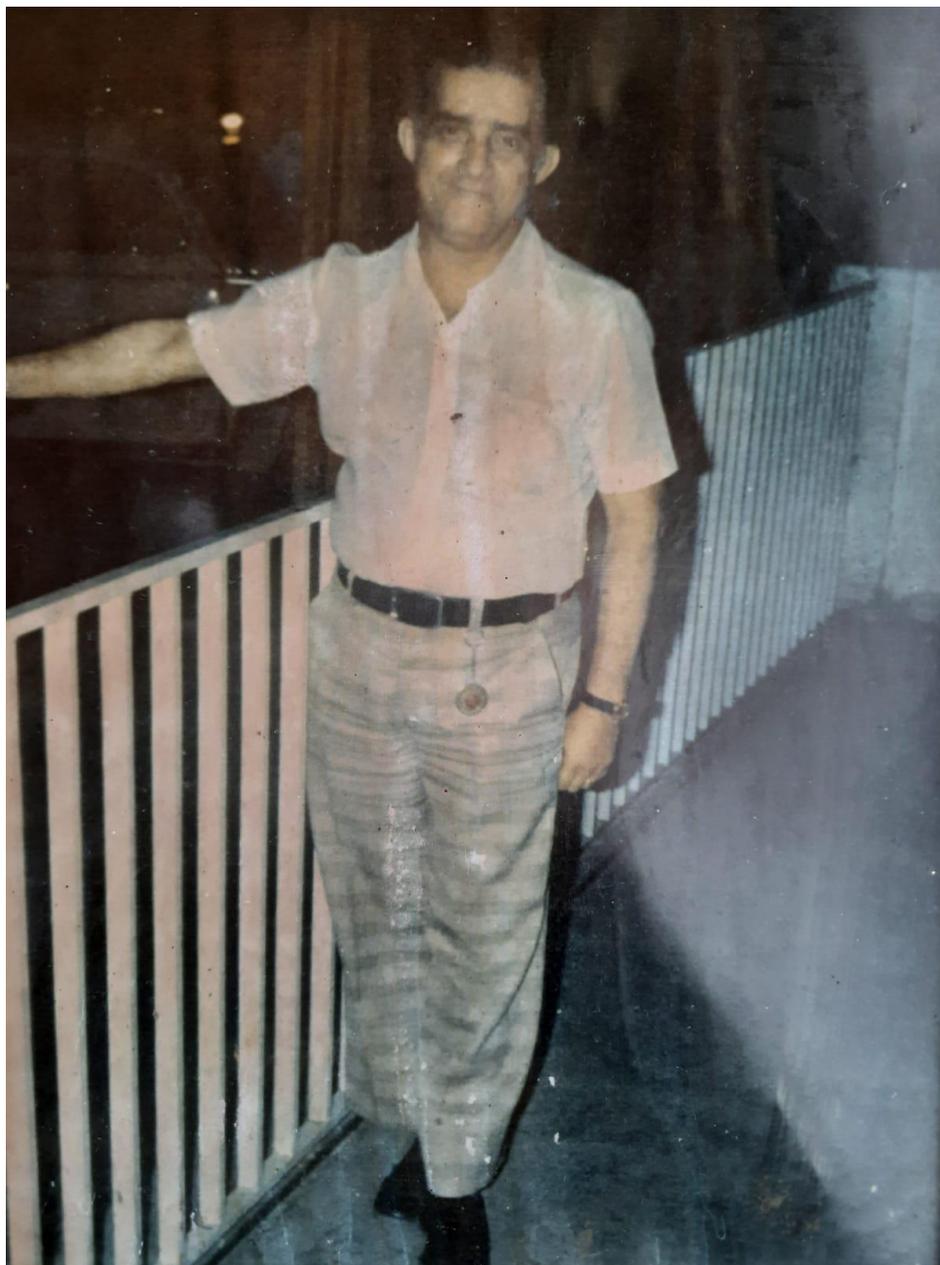


Fonte: Arquivo pessoal



Anexo 3

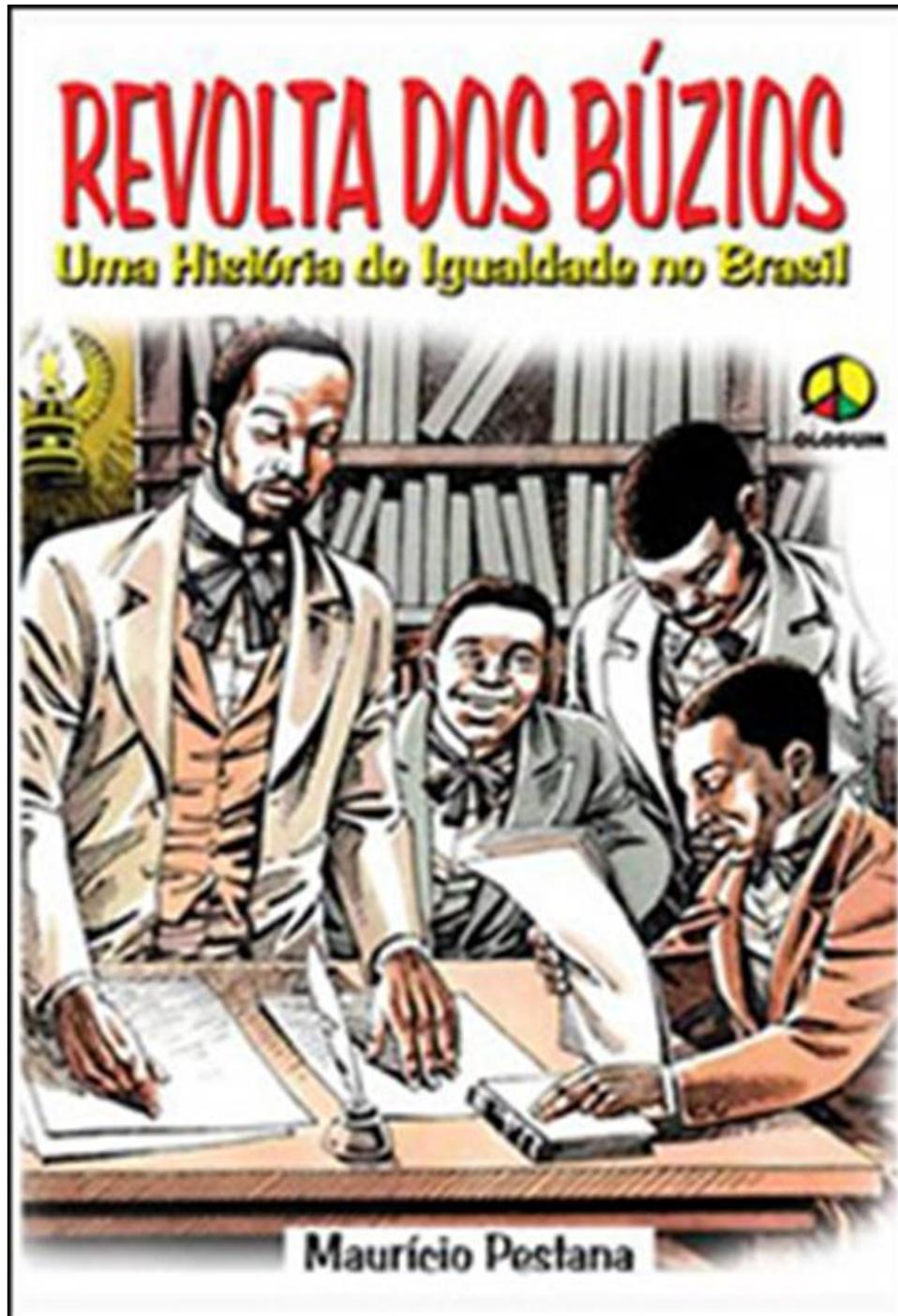
Fotografia do historiador autodidata Pedro Tomás Pedreira, autor do hino municipal de Santo Amaro da Purificação e pesquisador da biografia de Manuel Faustino dos Santos Lira.



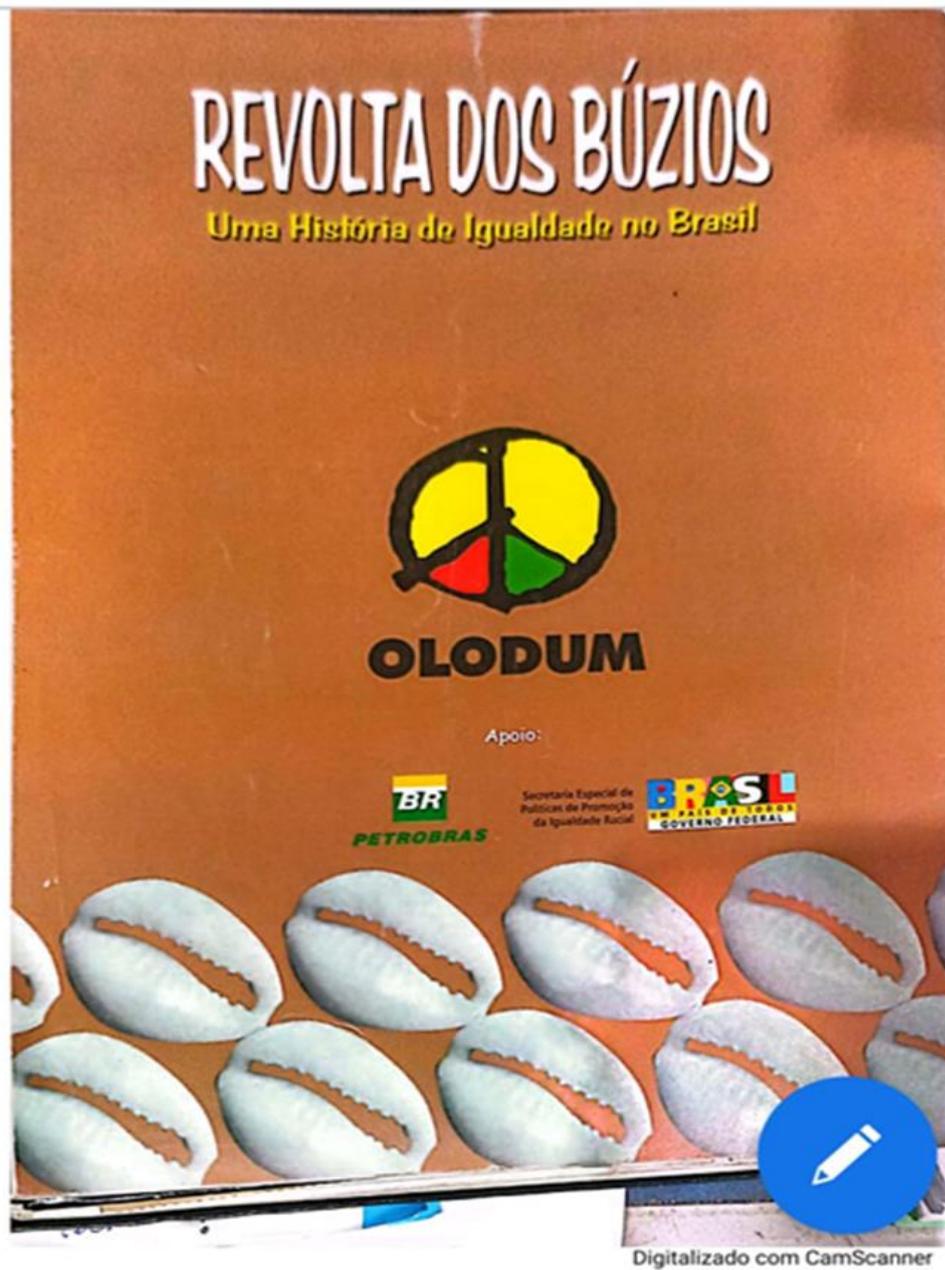
Fonte: PEDREIRA, 1971.

Anexo 4

Cartilha Revolta dos Búzios produzida pelo Bloco Olodum e Ministério da Cultura.



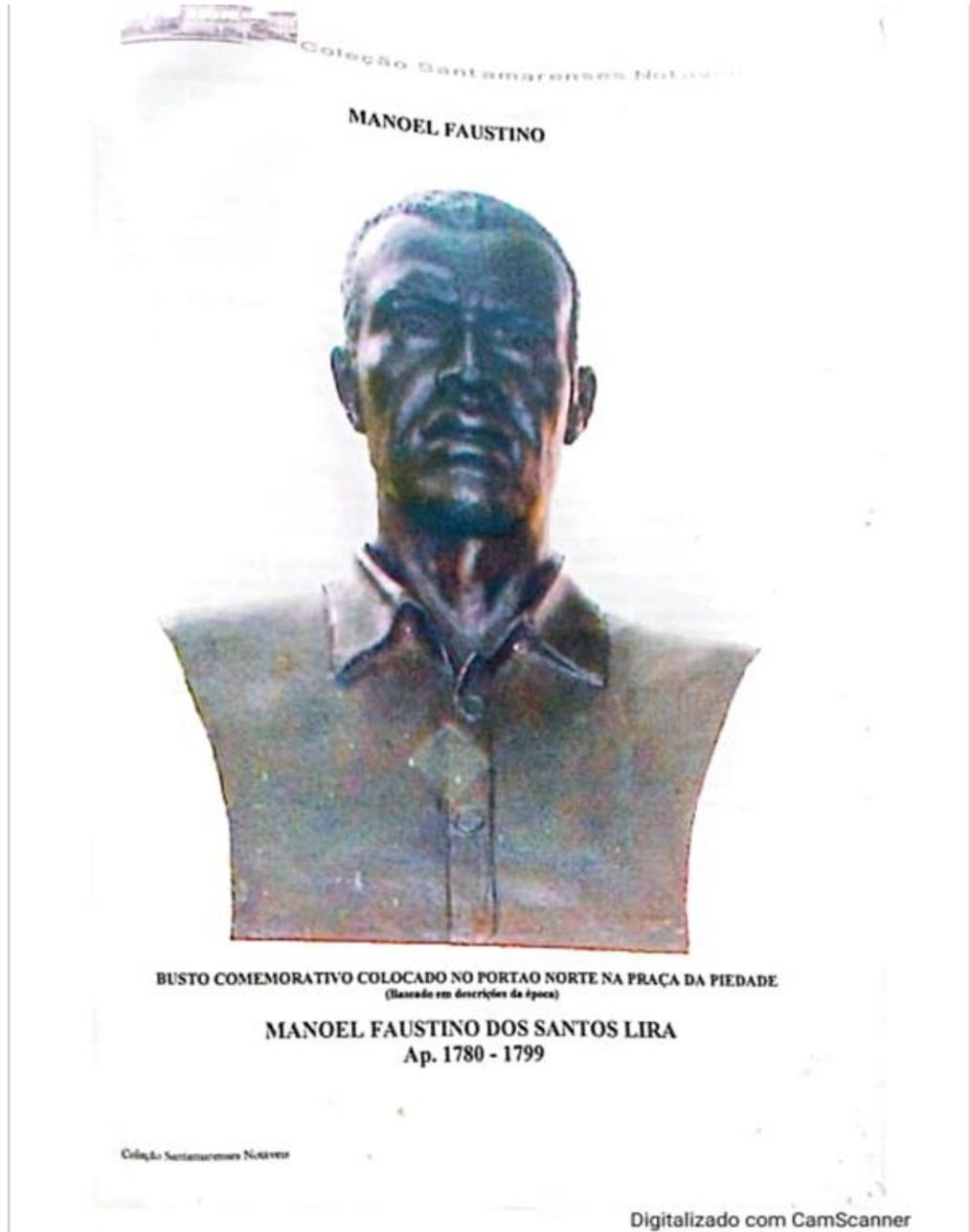
Fonte: PESTANA, 2006.



Fonte: PESTANA, 2006.

Anexo 5

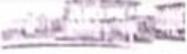
Busto de Manoel Faustino dos Santos Lira na Praça da Piedade em Salvador-BA, publicado na Coleção Santamarenses Notáveis.



Fonte: FREITAS, 2010.

Anexo 6

Cronologia da Participação de Manuel Faustino na Revolta dos Búzios, na publicação da Coleção Santamarenses Notáveis.

 Coleção Santamarenses Notáveis

- (25.08)-À noite quando se dirigia para a reunião o soldado Caetano Veloso Barreto (ou João Gomes), ao passar na rua do Gravatá, reconheceu numa figura encapuzada o Tenente Alexandre Theotônio. Desconfiado avisou aos companheiros que encontrou para que não fossem ao Campo do Dique. Alguns retornaram para casa e outros ficaram a beber em um botequim junto ao Convento do Desterro. Por isso só compareceram 14 pessoas à reunião, dentre eles os dois delatores e o soldado José Joaquim de Siqueira que no dia seguinte também denunciou o movimento. Após a reunião João de Deus ficou sentado no adro da Igreja de Santana conversando com o soldado Ignácio Pimentel e o delator Joaquim José de Santa Anna.
- (26.08)-Foram presos João de Deus Nascimento, sua mulher, os oito filhos e mais quarenta pessoas, dentre elas o tenente José Gomes de Oliveira Borges, sendo que 16 foram logo libertadas. Manoel Faustino e Lucas Dantas, avisados foram para o Solar do Unhão e de lá, numa canoa ao Cais Novo, conseguindo embarcar numa lancha para o recôncavo.
- (28.08)-Chegaram no Engenho Gualiba de Joaquim Inácio de Sequeira Bulcão, Capitão-mor da Vila de São Francisco do Conde. Dali foram ao Engenho São José (do mesmo dono).
- (29.08)-Ao chegarem (Engenho São José) outros implicados como o pardo Antonio Simões (oficial de pedreiro), Gonçalo Gonçalves (alfaiate) e Domingos Pedro (borelador?)
- (30.08)-Partiu Manoel Faustino para o Engenho Cologí em Santo Amaro (onde ainda morava sua mãe Felizarda), juntamente com Lucas Dantas.
- (02.09)-Retornaram ao Engenho Guilba em busca de informações, seguindo dali Lucas Dantas, com um grupo de viajantes em direção a Itabaiana (SE). Voltou Manoel Faustino ao Engenho Cologí e dali dirigiu-se ao Engenho de Pedras, também do Pe. Antonio Francisco de Pinho, escondendo-se nos matos.
- (14.09)-Denunciado pelo padre, foi preso pelo Sargento-mor de Ordenanças de Santo Amaro, Caetano José da Silveira Menezes, sendo conduzido à Casa de Câmara e Cadeia desta Vila (atual prefeitura).
- (16.09)-Entregues à prisão do Tribunal de Relações da Bahia, em Salvador.
- (19.09)-Preso em Salvador o médico e cirurgião Cipriano José Barata de Almeida.
- (22.09)-Iniciados os interrogatórios a Manoel Faustino.
- (20.12)-Prisão do professor régio de Gramática Latina na cidade de Rio de Contas, Francisco Muniz Barreto de Aragão. Foi encontrado em sua casa o livro "O Orador dos Estados Gerais" que trouxe de Lisboa.

1799(05.01)-Preso o Tenente Hermógenes Francisco de Aguiar Pantoja (irmão de Pedro Leão), que inicialmente havia sido designado pelo governo para vigiar Antoine René Lancher e foi por ele influenciado.

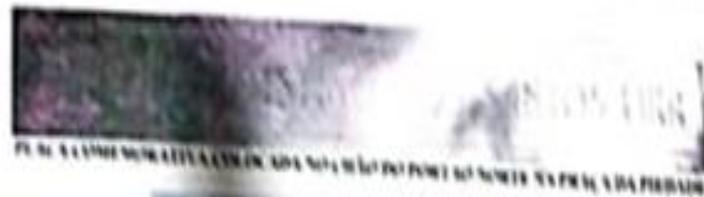
- (05.11)-Julgados e condenados a morte Manoel Faustino e mais quatro revoltosos: Lucas Dantas, João de Deus, Luiz Gonzaga e Luiz Pires (este último conseguiu fugir e nunca foi encontrado).
- (08.11)-Saíram os quatro condenados da Casa de Câmara e Cadeia (hoje Câmara Municipal de Salvador), seguindo pela Rua Direita do Palácio (Rua Chile), Rua de Baixo de São Bento (Rua Carlos Gomes), entrando na Praça da Piedade pela Rua da Forca. João de Deus e Luiz Gonzaga vieram carregados em cadeiras, por estarem debilitados em decorrência da tensão emocional. Manoel Faustino tentou suicidar-se em três ocasiões.
- Após o enforcamento foram decapitados e esquartejados, sendo que a cabeça e mãos de Luiz Gonzaga ficaram na Piedade; a cabeça de Lucas Dantas ficou no Dique do Desterro e cada quarto colocado em postes proporcionalmente distribuídos até a sua residência; a cabeça de João de Deus foi colocada em um poste em frente à sua tenda de alfaiate, à Rua Direita do Palácio (onde hoje existe o retorno de ônibus, junto à Igreja da Ajuda) e a de Manoel Faustino no Largo do Cruzeiro de São Francisco. Deveriam ali ficar até serem consumidas pelo tempo, porém a Santa Casa de Misericórdia conseguiu que fossem enterrados após quatro dias, em local ignorado (ou em cemitério que havia no Campo da Pólvora).
- Existe uma Rua Manoel Faustino no Engenho Velho de Brotas.

Coleção Santamarenses Notáveis

117
Digitalizado com CamScanner

Anexo 7

Síntese sobre a Conspiração dos Alfaiates e a participação de Manuel Faustino na Revolta dos Búzios, na publicação da Coleção Santamarenses Notáveis.



Rua do Padre Soares

A CONJURAÇÃO DOS ALFAIATES

Movimento separatista lusitano para formar uma República baseado na Revolução Francesa ("Liberdade, Igualdade, Fraternidade"), possivelmente idealizado por figuras da elite lusitana, que tiveram contato com estas ideias na Europa. Portugal, através do seu ministro Rodrigo de Sousa Coutinho, para não entrar em conflito com os senhores poderosos da Bahia, preferiu, para assantar-los, replicar os seus escritos na apudibridade.

Entre estas figuras vamos encontrar: José Pires de Carvalho e Albuquerque (Senhor do Uchale e Secretário Geral do Governo) que teve dois a três escravos envolvidos no conflito e para sua casa se dirigiram Lucas Dantas e Manoel Faustino (afilhado de D^a Maria Francisca, curubada de José Pires) em busca de proteção após descoberto o movimento. Dali fugiram para as propriedades (engenho Quilba e São José) de outro possível implicado Joaquim Inácio de Saqueira Boleto (primeiro Barão de São Francisco) e que era Capitão-mor da Vila de São Francisco da Barra do Serapiquí do Conde. Nota-se que ambos eram dois dos principais mentores na luta pela independência em 1822: António Joaquim (Visconde da Torre de Garcia D'Avila), Joaquim (Visconde de Freixo) e Francisco Eusebio Pires de Carvalho e Albuquerque (Barão de Jaguaribe). Também eram ligados a Joaquim Inácio o jornalista e médico Cipriano José Barata de Almeida ("Baratinha") e o músico Marcelino Antunes de Sousa, que tomavam para para seus engenhos, envolvidos no movimento e denunciado pelo Padre José da Fonseca Neves, capelão dos engenhos de Paulo de Teive e Argôla, no Monte Recôncavo (Vila do Monte) em São Francisco do Conde, em carta escrita à minha D^a Maria I, rainha de Portugal (neta de D. João VI) em 03.05.1798. Estes senhores, juntamente com o presbítero Francisco Agostinho Gomes, o farmacêutico João Ladislau Figueiredo Melo e o



Outros possíveis implicados seriam Pedro Nalson Marinho de Sá (padrinho de Lucas Dutra), aparentado com Antônio Frutuoso de Menezes Baria, que fazia parte do governo da província e José Borges de Barros irmão de Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca).

- Este movimento foi chamado de "Conspiração dos Alfaiates" (pelo grande número de alfaiates que dela participaram), ou "Primeira Revolução Social Brasileira", ou "Revolução dos Malaios" (pelo grande número de negros e mulatos), ou "Revolução de 1798", ou "Conspiração dos Brancos" (seus participantes levavam um bizzo angolano na corrente dos relógios e uma argolinha na orelha).

No total, foram processados 33 pessoas: 11 escravos, 06 soldados da tropa paga, 03 alfaiates, 03 oficiais militares, 02 curteses, 01 pequeno comerciante, 01 herdeiro, 01 pedreiro, 01 carpinteiro (carpinteiro), 01 professor e 01 cirurgião. Só 10 eram brancos.

1. O cirurgião Cipriano José Soares de Almeida (branco) foi absolvido.
2. O professor Francisco Manoel Soares de Araújo (branco), por não ser negro e não ter sido preso (não compareceu).
3. Os tenentes Heráclito Francisco Aguiar Pereira (do 2º Regimento de Linhas) e José Carlos de Oliveira Borges (branco) foram condenados a 06 meses de prisão.
4. O tenente José Estevão Soares de Almeida (branco, irmão de Cipriano Soares) foi degradado por 02 anos em Fernando de Noronha.
5. O escravo Castro Duarte Pereira Neto foi obrigado a sair em perigo (proclamação pública em alta voz) e bano (correria em volta do penitenciário) nas ruas de Salvador e condenado a 03 anos em Angola. Era escravo de Joaquim Pereira Bastos (implicado?).
6. Os escravos Inácio Pires dos Santos e Manuel de Vera Cruz foram condenados a 500 chibatadas no picareto (à época no Território de Jesus) e seus pais foram obrigados a vendê-los para fora da Bahia e seus direitos remanescentes.
7. O escravo alfaiate Luís de França Pires (do Saldor do Umbigo) e José Félix da Costa, escravo de Francisco Vicente Viana, foram condenados a 500 chibatadas e absolvidos (os jogados ao mar) em penas africanas.
8. Mais 02 escravos foram condenados a 500 chibatadas e levados em degredo para a África em navios não portugueses. Um deles Rendo Peixoto havia sido condenado à morte, porém teve a pena comutada para degredo.
9. O escravo Antônio José morreu no dia seguinte à sua prisão com sinais de envenenamento, após se apresentar com um prumo enviado pelo seu pai, o Sr. Caetano Maurício Machado (para silenciar?).
10. Os 03 condenados à morte foram: Lucas Dutra de Arceles Torres, João de Sá Nascimento, Luís Clemente dos Virgens e Varga, Manuel Faustino dos Santos e Luís Pires (sem último fugiu sem nunca ter sido localizado).
11. Os outros processados serão julgados posteriormente.

Coletânea de Documentos da Coleção Santamarqueses Notáveis

1780 ou 1781-Data aproximada do seu nascimento, no Engenho Cologí, na região do distrito de Pedras (Santo Amaro), propriedade Padre Antonio Francisco de Pinho.

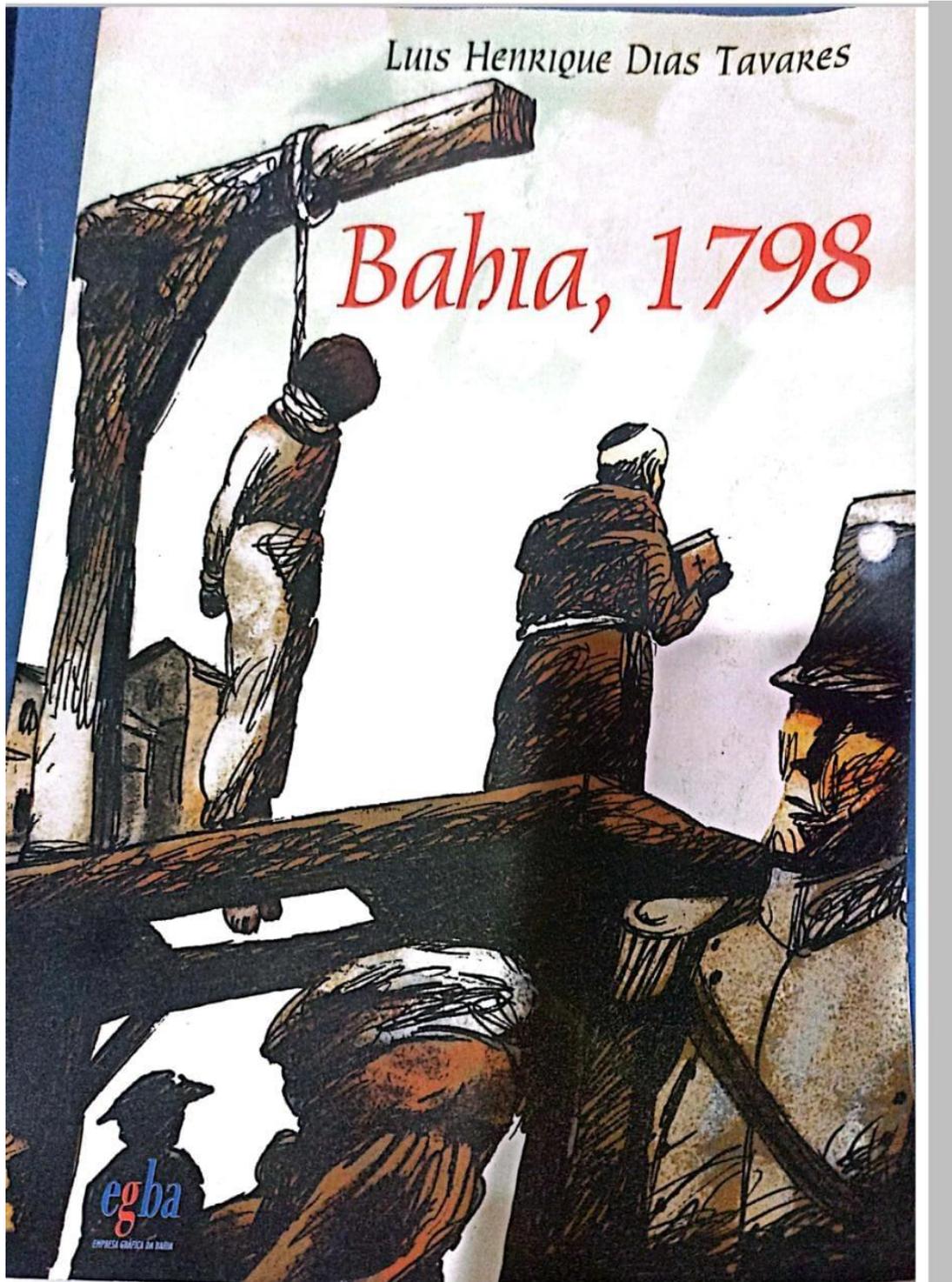
- Filho dos escravos Raimundo Ferreira e Felizarda.
- Foi morar em Salvador com sua madrinha D^a Maria Francisca da Conceição e Aragão, cunhada de José Pires de Carvalho e Albuquerque (dono do Solar do Unhão), que era Secretário do Governo.
- Escravo forro foi convidado pelo soldado Lucas Dantas de Amorim Torres, a participar de um movimento para emancipar a Bahia de Portugal e constituir uma república onde todos fossem iguais, baseados na Revolução Francesa, possivelmente por influência do comandante francês Antoine René Lancher, que esteve na Bahia entre 30.11.1796 e 02.01.1797 a serviço de Napoleão.

1798(12.08)-Iniciada as manifestações com onze "Boletins Sediciosos", manuscritos, com erros de grafia, afixados em pontos centrais de Salvador, dos quais 10 estão no Arquivo Público da Bahia (Baixa de Quintas) e o último foi retirado e queimado pelo Cel. Francisco José de Mattos Ferreira e Lucena, segundo testemunho do seu filho, Capitão do 2^o Regimento, Antonio Jose de Mattos Ferreira de Lucena. Conclamavam a instituição do "Povo Baiense Republicano".

- (15.08)-Informado o Capitão General e Governador Dom Fernando José de Portugal e Castro (depois Marquês de Aguiar), ordenou imediata investigação (devassa) pelo Ouvidor Geral do Crime, Desembargador Manuel de Magalhães Pinto e Avelar de Barbedo.
- (16.08)-Foi suspeitado pela grafia, terem sido escritos pelo mulato Solicitador de Causas, Domingos da Silva Lisboa, que foi preso.
- (22.08)-Apareceram mais dois boletins afixados no Convento dos Carmelitas Descalços (Convento do Carmo), clamando o seu prior a participar do governo revolucionário e segundo alguns também ao governador era oferecido o título de "(Cidadão Presidente do Supremo Tribunal da Democracia Baiense). Feita nova investigação, desconfiou-se do soldado Luiz Gonzaga das Virgens de Veiga, que já tinha casos de deserção por insatisfação com a discriminação racial na tropa. Em sua casa foram encontrados manuscritos, como "O Orador dos Estados Gerais", o discurso que Boissy d'Anglas pronunciou na Convenção Francesa em 30.01.1795, o poema "Liberdade Igualdade" (que Manoel Faustino sabia de cor), "A Ruína" e outros de intelectuais e militares baianos.
- (23.08)-Prisão de Luiz Gonzaga. Seus companheiros marcaram uma reunião, num sobradinho no Carmo, do ourives Luiz Pires, onde compareceram Lucas Dantas, João de Deus, Nicolau de Andrade, o cirurgião pernambucano e comerciante de ouro José de Freitas Sacoto e Manoel Faustino, onde decidiram pedir opinião ao comerciante-mascate Pedro Leão Aguiar Pantoja, na Cruz do Pascoal, sobre a conveniência de se reunirem no Campo do Dique do Desterro (Dique do Tororó), que ficava onde hoje é a Escola Afrísio Santiago, porém não o encontraram. Mesmo assim saíram a convidar várias pessoas a se reunirem naquele local. Lucas Dantas e Luiz Pires foram à Misericórdia avisar ao tenente José Gomes de Oliveira Borges.
- (24.08)-Encontraram-se na casa de Lucas Dantas, no térreo de um sobrado, no Cruzeiro de São Francisco, confirmando a reunião no Dique do Desterro para a noite do dia seguinte. Um dos convidados, soldado e ferreiro, o mulato Joaquim José da Veiga, denunciou a reunião a seu chefe, Cel. Carlos Baltazar da Silveira e outro, o soldado do Regimento Auxiliar dos Homens Pretos, o cabeleireiro negro Joaquim José de Santa Anna também alertou as autoridades, sendo ambos orientados a participar da reunião para colherem mais informações. O Governador encarregou o Tenente Cel. Alexandre Theotônio de Souza e o Desembargador Francisco Sabino Álvares da Costa Pinto para fazerem a investigação.

Anexo 8

Publicação da Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), intitulada “Bahia, 1798”, de Luís Henrique Dias Tavares.



Fonte: TAVARES, 2000.

Anexo 9

Capa da Cartilha do Edital Agosto da Igualdade Edição 2016.



Fonte: Arquivo pessoal

Anexo 9

Fundo da cartilha constando o nome de José Raimundo Lima Chaves, idealizador da Cartilha juntamente com a Associação Beneficente Ilê Ojú Onirê.



Jose Raimundo Lima Chaves (Pai Pote) é um babalorixá atuante que luta em prol da preservação e respeito ao legado da religião de matriz africana.

Como bom filho de Ogum, busca caminhos para implementar projetos através da Associação Beneficente Ilê Axé Ojú Onirê, sempre concorrendo em editais, concursos e seleções públicas.

Pai Pote representa genuinamente uma das características do Orixá Ogum guerreiro e também ferreiro, criador de suas próprias ferramentas, o senhor das tecnologias, aonde chega transmite alegria e espontaneidade, sendo querido por todos. Benção Pai Pote.

Em 26/09/2016, Ana Santo Amaro.

Realização



ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E CULTURAL ILÊ AXÉ OJÚ ONIRÊ Avenida Garcia 38- Santo Amaro CEP 44200 000 Santo Amaro – Bahia
E-mail: iáoonire@hotmail.com, Tel. 75 3241 2987/ 98215 0399

Patrocínio




EDITAL AGOSTO DA IGUALDADE EDIÇÃO 2 01 6
CHAMADA PÚBLICA Nº [001/2016]
Termo Colaboração 006/16

Fonte: Arquivo pessoal